

**Org. Por Johnny Lima**

*O Que Você Precisa Saber*  
**Sobre Deus**

*Vol. 7*



# Ministério de Ensino

# Yahweh

## Teologia

## Estudo Sobre Deus

Este estudo foi organizado por Johnny Lima para aprofundar o conhecimento daqueles que querem entender sobre questões que dizem respeito às coisas de Deus, isto é, um guia de estudo para todos aqueles que querem conhecer a verdade em Cristo.

No final dessa obra você encontrará na bibliografia as obras responsáveis pela criação deste guia, ou melhor, as fontes onde foram pesquisadas.



# Índice

<b>Dedicatória</b> .....	4
<b>Introdução</b> .....	5
<b>I – Teologia</b> .....	6
<b>II – Conceito Sobre Deus</b> .....	7
<b>III – A Existência de Deus</b> .....	10
<b>IV - Evidências Sobre Deus</b> .....	10
<b>V – As Cinco Vias de</b> .....	15
<b>Tomás de Aquino</b> .....	15
<b>VI – Natureza de Deus</b> .....	18
<b>VII – Os Atributos de Deus</b> .....	20
<b>VIII – Ideias Erradas Sobre Deus</b> .....	24
<b>XI – Trindade</b> .....	25
<b>Conclusão</b> .....	27
<b>Bibliografia</b> .....	28

## **Dedicatória**

Agradeço também ao meu pai Raimundo Damião e minha mãe Rosemary Lima por me criarem no caminho da verdade. A minha esposa Lenedalva e as os nossos filhos Letícia e John Wesley. Também não devo me esquecer do Rodrigo que tenho como filho. Também vão meus agradecimentos para todos aqueles que me ajudam em oração e assim o Senhor tem confirmado o meu ministério de ensino. Como também a todos os meus alunos em geral, não citarei nomes para não cair na fraqueza do esquecimento. Que Deus abençoe maravilhosamente, que o Senhor torne realidade todos os seus sonhos em nome de Jesus Cristo.

Amém

## Introdução

A primeira pergunta que fazem aos cristãos: Deus existe? Dependendo da resposta do cristão (Sim!), ele não conseguirá responder a pergunta seguinte que é: Quem criou Deus?.

Quando alguém pergunta se Deus existe, e espera que a resposta seja positiva, sempre a pergunta que virá, será: “*Quem criou Deus?*”. Mas para uma pergunta dessa natureza: “*Deus existe?*”, não se deve responder “*Sim!*”, ou seja, quando alguém perguntar: “*Deus Existe?*”. A resposta certa a responde nesta questão, é fazer uma outra pergunta: “*De que existência você está falando?*”. Dessa maneira você evitará a próxima pergunta: “*Quem criou Deus?*”. Assim será mais fácil entender sobre Deus, pois se quero provar que Deus existe como eu existo, como os animais existem, como os objetos existem, realmente Deus não existe! Porque quando falamos de Deus, falamos de um ser que está além da nossa própria existência, isto é, Deus era, Deus é, e Deus sempre será, neste caso Deus não existe, **Deus é.**

Se a cadeira existe, é porque a vejo, e isso quer dizer que alguém pensou, colocou no papel, executou, e aí a cadeira passou a existi, mas com Deus tal situação não funciona, porque Deus é incriado, e perguntar se Deus existe? Seria a mesma pergunta: “*Qual é o cheiro da cor branca?*”. Pergunta sem sentido. A cor não tem cheiro. Então Deus “era”, “é”, e “sempre será”, além da própria existência entendida pelo homem.

Então amados, este estudo não tentará provar a existência de Deus, pois estudamos porque cremos que há Deus.

**Prof. Johnny Lima**



**Organizado para estudo**  
Johnny Lima  
Embu das Artes – SP  
25/03/2017

Johnny-lima-matosp@outlook.com

# **I – Teologia**

Teologia é o estudo sobre Deus ou as coisas que falam acerca de Deus (Teo=Deus. Logia=Estudo). A palavra teologia deriva do grego onde significa literalmente estudo (Logos) de Deus (Theos). Ela aparece pela primeira vez em Platão e Aristóteles, que dela se servem. Assim também temos a Teodicéia (do grego Theos=Deus e Dike= defesa; assim defesa de Deus). A expressão foi introduzida por Leibniz antes do famoso “Essais de theodicée”, na qual defende Deus das objeções que podem ser levantadas contra ele como responsável pelas tragédias, pelos horrores, pelo mal e pelas perversidades do mundo.

A maioria das pessoas buscam conhece a Deus em lugares errados, não há condições de respostas com algo que não se liga com que procuram, o sagrado pede uma resposta sagrada, isto é, uma resposta religiosa, como o belo precisa de uma resposta estética, o bem, de uma ética. Para tanto, o sujeito deverá estar sintonizado com o objeto. Quem quiser aprisionar o sagrado nos esquemas da razão ou nos imperativos da moral e nas imagens da fantasia pede a onda do sagrado, não consegue captá-lo. Então fica claro para nós que a Bíblia é o lugar adequado para saber algo sobre Deus. Pois quem não possui o sentimento religioso das coisas sagradas não pode acolher e reconhecer o sagrado; como quem não tem o senso estético não é capaz de reconhecer o belo. Entenderam?

## **Teologia e a Religião**

Quando falamos de teologia tratamos do conhecimento sobre Deus, logo surge a pergunta. Qual é a conexão entre a teologia e a religião? A religião vem do latim “religare” que significa “voltar a ligar”; religião representa as atividades que ligam o homem a Deus numa determinada relação. A teologia é

o conhecimento acerca de Deus. Assim a religião é a prática, enquanto a teologia é o conhecimento. A religião e a teologia devem coexistir na verdadeira experiência cristã; porém, na prática, às vezes, se acham distanciada, de tal maneira que é possível ser teólogo sem ser verdadeiramente religioso, e por outro lado a pessoa pode ser verdadeiramente religioso sem possuir um conhecimento sistemático doutrinário. *“Se conhece estas coisas, feliz serás se as observas”*, é a mensagem de Deus ao teólogo. *“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade”* (2Tm 2.15), é a mensagem de Deus ao homem espiritual.

## **II – Conceito Sobre Deus**

Quando se trata do conceito de Deus, também se entende a sua natureza. As palavras e os conceitos concernente a um fenômeno relacionado a uma experiência física ou mental se desenvolvem e crescem ou deterioram-se juntamente com a pessoa cuja experiência eles se referem. Mudam conforme a pessoa muda; vivem à medida que a pessoa vive.

Se um menino de seis anos diz a sua mãe: “Eu amo você”; ele usa o termo “amor” para denotar a experiência que uma pessoa de seis anos de idade tem a esse respeito. Quando esta criança cresce e tornar-se um homem, esta mesma frase dita por ele à mulher amada terá um significado diferente, expressará um universo mais amplo, uma profundidade maior, uma liberdade e vivacidade mais abrangente que distingue o amor de um homem do amor de uma criança, porém a experiência é a palavra amor.

A variação em qualquer conceito que reflita a experiência de um ser vivente. Contudo, esses conceitos têm suas pró-

prias vidas, crescem e podem ser atendidas somente se os conceitos não forem separados da experiência para qual eles dão expressão. Se o conceito tornar-se alienado, isto é, separados da experiência a qual se refere, ele perde sua realidade é transformado em um artefato da mente humana, isto quer dizer que o conceito que temos sobre Deus quase sempre terá sentido diferente, isto é, o conceito de Deus no cristianismo é diferente do conceito de Deus no Budismo, como no Islamismo, então sempre haverá essa variação, isso também não deixa de fora o conceito que muitas pessoas têm de Deus quando fazem parte da mesma religião, pois até entre elas há diferença.

Um conceito nunca pode expressar adequadamente a experiência a que ele se refere, isso no sentido da essência, isso quer dizer que estudaremos sobre Deus, mas não é possível conhecer, ou melhor, estudar Deus em sua essência, mas somente em seus atributos ou nomes que os homens dão a Ele.

Todo conhecimento que temos sobre Deus é fragmentado e nunca um conhecimento total. Nossa tendência consiste em produzir peças adicionais aos fragmentos a fim de torná-los um todo, um sistema, é nesta hora que a adição dessas peças podem fazer de Deus algo diferente daquilo que a Bíblia nos apresenta.

O Deus de Abraão e o Deus de Isaías compartilham qualidades essenciais de UM, ainda que sejam diferentes entre si, como o são, isto estar bem claro no primeiro estágio desta inclusão, Deus é visualizado como um legislador absoluto. Ele criou a natureza e o homem, esse era o conceito sobre Deus, até o dia que Deus transforma-se de um Absoluto em um monarca constitucional, e mais para frente a terceira fase na evolução do conceito sobre Deus é obtida na revelação divina a Moisés. A novidade é que Deus se revela como o Deus que não tem nome.

Os hebreus estavam acostumados com os pagãos em dar nome aos seus deuses, e Moisés pergunta: Quando eu chegar

diante dos israelitas e lhe disser: O Deus dos seus antepassados me enviou a você, e eles me perguntarem: Qual é o nome dele? Que lhe direi? (Ex 3.13). Moisés fala assim porque os pagãos hebreus não podem compreender o conceito de um Deus que se revele somente como um Deus da história, sem mencionar um nome dizendo: Eu sou o Deus de seu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e Deus de Jacó? (Ex 3.6), e por não citar um nome aos judeus, não crerão nele. Pois para os judeus um Deus que não tem nome é uma contradição em si mesmo. Deus reconhece isto e faz uma concessão. Ele (Deus) se autodenomina e diz a Moisés: Eu sou o que sou. É isto que você dirá aos israelitas. Eu Sou me enviou a vocês (Ex 3.14). Quando Moisés pede um nome a sua objeção é bem recebida. O âmago de essência de um ídolo é que ele tem um nome; todas as “coisas” têm nome. Apenas ídolos possuem nomes, porque são coisas. O Deus “vivo” não pode ter um nome. O Deus verdadeiro que se manifesta na história não pode ser representado por nenhum tipo de imagem, nem por um tipo de som – isto é; um nome embora Deus tenha sido designado por um nome paradoxal (Yhwh), mesmo este “nome” não deve se proferido “em vão”. Os judeus nunca pronunciam Yhwh, entretanto dizem Adonai, que significa “meu Senhor”, eles nem dirão Adonai, exceto na oração ou Leitura das Escrituras.

A diferença não é fundamentalmente que existe apenas “um” Deus e muitos ídolos. Na verdade, se o homem adora apenas um ídolo e não muitos, ainda assim seria um ídolo e não Deus. A compreensão do que um ídolo é começa com o entendimento “do que Deus não é”.

O ídolo é uma coisa, não tem vida, Deus ao contrário, é vivo “mas o Senhor é o Deus verdadeiro; ele é o Deus vivo” (Jr 10.10).

## **III – A Existência de Deus**

### **a) Sua Existência Possível**

Em parte alguma as Escrituras trata de provar a existência de Deus mediante provas formais.

A Bíblia não tenta demonstrar a existência de Deus, porque em todas as partes da Bíblia subentende-se a sua existência.

Quando um homem diz: “Eu conheço o presidente”, ele não quer dizer: “Eu sei que o presidente existe”, porque isso se subentende na sua declaração. Da mesma maneira os escritores bíblicos nos dizem que conhecem a Deus e essas declarações significam a sua existência.

### **b) Fala Sobre a Existência de Deus**

Por que devemos falar sobre a existência de Deus, se na realidade Deus está acima dessa palavra, Deus é. Então falaremos pelas seguintes razões:

- Primeira a fé é questão moral e não intelectual. Se a pessoa não está disposta a aceitar ela porá de lado todas e qualquer evidência (Lc 6.31).
- Segundo, para fortalecer a fé daqueles que já creem. Eles estudam as provas não para crer, mas sim porque já creem.
- Terceiro, para poder enriquecer nosso conhecimento acerca da natureza de Deus.

## **IV - Evidências Sobre Deus**

Onde acharemos evidências sobre Deus? Na criação, na natureza humana, e na história humana. Dessas três esferas deduzimos os cinco evidências sobre Deus.

**a) O argumento da criação ou cosmológico:** Neste argumento acredita que o universo, sendo o efeito, por conse-

guinte deve ter uma causa, então tudo o que existe no mundo, deve ter uma causa primeira ou razão de ser.

Quando olhamos para tudo ao nosso lado. Naturalmente surge a questão: “Como se originou tudo isso?”. A pergunta é natural, pois as nossas mentes são constituídas de tal forma que espera que todo efeito tenha uma causa, logo, concluímos que o universo deve ter tido uma primeira causa, ou um criador. “No princípio – Deus” (Gn 1. 1), então isso só confirma que a existência do mundo só se explica se existe um ser supremo. A atenção é dirigida para o fato da causalidade: todo acontecimento tem uma causa, que por sua vez tem também uma causa, retrocedendo assim até a primeira causa, Deus.

**b) O argumento do desígnio ou teleológico:** Teleologia do grego “Téleios”, completo, perfeito. “Logo”, estudo ou tratado. Tratado das coisas finais, que tem por objetivo descobrir a finalidade das coisas criadas, para demonstrar, através destas, a existência do único e verdadeiro Deus. Este argumento mostra que o mundo ao ser considerado sob qualquer aspecto, revela inteligência, ordem e propósito, denotando assim a existência de um ser sumamente sábio.

Este velho argumento entrou no ocidente através do diálogo de Platão, *Timaeus*. O filósofo argumenta que evidências de um plano e propósito no universo requerem um planejador universal. Portanto, o universo é a obra dum arquiteto dotado de inteligência suficiente para explicar sua obra. O grande relógio estrasburgo tem, além das funções normais dum relógio, uma combinação de luas e planetas que se movem, mostrando dias e meses com a exatidão dos corpos celestes, com seus grupos de figuras que aparecem e desaparecem com regularidade igual ao soarem as horas no grande cronômetro. Declarar não ter havido um engenheiro que construiu o relógio, e que este objeto “aconteceu”, seria insultar a inteligência e a razão humana. É insensa-

tez presumir que o universo “aconteceu”, ou, em linguagem científica, que procedeu “do concurso fortuito dos átomos!”.

Quando olhamos para um relógio deste, de duas coisas temos certeza: Primeiramente, que o relógio teve alguém que o fez, e em segundo lugar, que o seu fabricante compreendeu a sua construção e o projetou com o propósito de marcar as horas. Da mesma maneira concluímos que houve alguém que fez sabiamente tudo que existe diante de nós.

**c) O Argumento da Natureza do Homem ou Ontológico:** Ontologia do grego onthos (ser), logia (estudo racional). Parte da filosofia que tem como objetivo o estudo do ser enquanto ser.

Este argumento admite que existe na mente do próprio homem o conhecimento básico da existência de Deus, posto lá pelo próprio criador.

Esta abordagem é mais importante no terreno filosófico. A declaração clássica de Anselmo (1035-1109) é dupla. Primeiro: Deus é “um ser, e nada maior do que Ele pode ser concebido”(maior = “mais perfeito”). Segundo: Algo que existe apenas na mente é distinto de algo que existe na mente e na realidade, colocando juntos os dois passos: Se Deus não existe (isto é, se existe apenas na mente, mas não na realidade), é possível então conceber um ser mais perfeito do que o ser mais perfeito; essa é uma contradição impossível. Portanto, é preciso aceitar a alternativa: o ser mais perfeito existe na realidade assim como na mente.

O homem dispõe de natureza moral, isto é, a sua vida é regulada por conceber do bem e do mal. Ele reconhece que há um caminho reto de ações que deve seguir e um caminho errado que deve evitar, esse conhecimento chama-se “consciência”. Ao fazer ele o bem, a consciência o aprova; ao fazer ele o mal, ela o condena. A consciência, seja obedecida ou não fala com autoridade.

A consciência não cria o ideal; ela simplesmente testifica acerca dele, isso quer dizer que foi Deus que criou os dois conceitos (expressão) do bem e do mal. Então concluímos que o homem, qual cego, tateando, procura algo que sua alma anela. A fome física indica a existência de algo que a possa satisfazer. Quando o homem tem fome, essa fome indica que há alguém que o possa satisfazer. A exclamação “*A minha alma tem sede de Deus*”(Sl 42.2), é um argumento a favor da existência de Deus, pois a alma não enganaria o homem com sede daquilo que não existisse.

**d) O Argumento da História ou Histórico:** Então todos os povos e tribos da terra é comum a evidência de que o homem é um ser potencialmente religioso. Toda a história bíblica foi escrita para revelar Deus na história, isto é, para ilustrar a obra de Deus nos negócios humanos, e assim o homem tende à prática religiosa, isto só encontra explicação em um ser superior que originou uma tal natureza que sempre indica ao homem esse ser superior.

A história da humanidade não aconteceu descontraladamente, pois especialmente o modo de Deus tratar com os indivíduos fornece provas de sua ativa presença nos negócios humanos. Charles Bradlaugh, que foi em certo tempo ateu mais notável na Inglaterra, desafiou o pastor Charles Hugh Price, para um debate. Foi aceito o desafio e o pregador, por sua vez, desafiou o ateu da seguinte maneira: “Como todos sabemos, Sr Bradlaugh, “o homem convencido contra a própria vontade mantém sempre seu ponto de vista”, e, visto que o debate, como ginástica mental, que é, provavelmente não converterá a ninguém, proponho-lhe que apresentemos algumas evidências concretas da validade das reivindicações do cristianismo na forma de homens e mulheres redimidos da vida mundana e vergonha pela influência do cristi-

anismo e pela do ateísmo. Eu trarei cem desses homens e mulheres, e desafio-o a fazer o mesmo.

Se o Sr. Bradjaugh não pude apresentar cem, contra os meus cem, ficarei satisfeito se trouxe cinquenta homens e mulheres que se levante e testemunhem que foram transformadas numa vida vergonhosa pela influência dos seus ensinamentos ateus. Se não puder apresentar cinquenta, desafio-o a apresentar vinte pessoas que testemunhem com rostos radiantes, como o farão os meus cem, que tenham um grande e nono gozo na sua vida elevada, em resultado dos ensinamentos ateus. Se não puder apresentar vinte, ficarei satisfeito se apresentar dez. Não, Sr Bradlugh, desafio-o a trazer um só homem ou uma só mulher que dê tal testemunho acerca da influência enobrecedora dos seus ensinamentos. Minhas pessoas redimidas trarão provas irrefutáveis quanto ao poder salvador de Jesus Cristo sobre as suas vidas redimidas da escravidão do pecado e da vergonha, talvez, Sr Bradlugh, essa será a verdadeira demonstração da validade das reivindicações do cristianismo. O Sr Bradlaugh retirou o seu desafio!

**e) O Argumento da Crença Universal ou Moral:** A teologia moderna utiliza o mesmo argumento afirmando que o reconhecimento por parte do homem de um bem supremo e o seu anseio por uma moral superior indicam a existência de um Deus que pode converter-se ideal em realidade. Pois o argumento da moral afirma que a experiência universal do homem quanto à obrigação moral, o sentido de “dever” e sua incapacidade de cumprir os ditames da consciência não podem ser adequadamente explicados, seja em termos de interesse próprio disfarçado ou de condicionamento, social. A existência desses valores morais objetivos subentende a existência de uma base transcendente de valores.

Deus não fez o mundo sem deixar certos sinais, sugestões e evidências claras, que falam das obras das suas mãos.

Esta crença universal em Deus é prova de quê? É prova de que a natureza do homem e de tal maneira constituída que é capaz de compreender e apreciar essas ideias, como o expressou certo escritor: “O homem é incuravelmente religioso”, que no sentido mais amplo inclui: (1) A aceitação do fato da existência dum ser acima das forças da natureza. (2) Um sentimento de dependência de Deus como quem domina o destino do homem; este sentimento é despertado pelo pensamento de sua própria debilidade e pequenez e pela magnitude do universo. (3) A convicção de que se pode efetuar uma união amistosa e que nesta união ele, o homem, achará segurança e felicidade. Desta maneira vemos que o homem, por natureza, é constituído para crer na existência de Deus, este “sentimento” não se encontra nas criaturas inferiores. Por exemplo, perdesse seu tempo quem procurasse ensino religioso ao mais elevado dos tipos de símios. Mas o mais inferior dos homens pode ser instruído nas coisas de Deus, por quê? Falta ao animal a natureza religiosa (não é feito à imagem de Deus); o homem possui natureza religiosa e procura um objeto de adoração.

## **V – As Cinco Vias de Tomás de Aquino**

As cinco vias de Tomás são argumentos a favor da existência de Deus.

**1 – Primeira Via (do movimento):** É certo e constatado pelos sentidos que neste mundo algumas coisas se movem. Ora,

tudo o que se move é movido por outro. Se, pois, aquilo do qual deriva o movimento é, por sua vez, movido por outro, será necessário que também este tenha sido mudado por um terceiro, e este por um quarto: mas não se pode proceder assim infinitamente. Portanto, é necessário chegar a um primeiro princípio do movimento que não seja movido por outros. E esse é o que todos os homens chamam Deus.

No mundo existe movimento, tomado este em qualquer sentido. Este motor, ou é imóvel ou é movido. Se é imóvel, é a causa dos entes, é Deus. Se é movido, deve-se ir subindo até um motor imóvel sob todo ponto de vista, porque não é possível, ir ao infinito, pois assim não existiria o primeiro motor. Logo, existe um motor absolutamente imóvel, existe Deus.

Esta, aplicada ao movimento, dá como resultado que aquilo que se move é em potência e aquilo que move é em ato. Ora, nenhuma coisa pode ser ao mesmo tempo e sob o mesmo ponto de vista em ato e em potência. Por isso, para uma explicação conclusiva do movimento é preciso ascender a um ato puro, isto é, a um princípio do movimento que seja, em si mesmo, não-movido e imóvel. Aquele que possui essas perfeições merece o nome de Deus.

**2 – Segunda Via (causa eficiente):** Porque é impossível que uma coisa seja causa eficiente de si mesma, pois existia antes de si mesma, coisa inconcebível. Portanto, é preciso admitir uma causa eficiente primeira, a que todos damos o nome de Deus.

Tem quer existir uma causa primeira, que só seja causa e de nenhum modo efeito, isto é, que seja causa eficiente de todas as causas eficientes; pois, se não existisse a causa primeira, não poderia existir, como existem, as causas eficientes segundas; pois, as causas segundas são efeitos e toda coisa feita exige cau-